



CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE

boletim

b
mág

oco
co

junho 2026

edição n.25 aperiódico

Editorial 01
Arthur Pereira

03 **Gênese e impactos contemporâneos do universo virtual sobre o brincar**
Carlos Alberto de Mattos Ferreira

A análise on-line e a presença do analista 09
Acyrr Maia

13 **Tecnofascismo: notas sobre a política na era do Outro algorítmico**
Rosana Coelho

O Outro Sintético: foraclusão operacional, espelho simbólico e a Cultura sem renúncia 20
Thiago França da Silva

28 **Perspectiva maquínica e ordem simbólica: articulações sobre Lacan e a cibernética**
Aline Bittencourt
Lígia Julianelli

Informes 35

*"Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje"*
Gilberto Gil

Caros leitores,

É com grande satisfação que apresentamos mais um número do Bloco Mágico. Abrimos este editorial com versos da canção "Pela internet", de Gilberto Gil, como inspiração para uma edição inteiramente dedicada a investigar as complexas intersecções entre a psicanálise, as novas tecnologias e os impasses da atualidade. Em um momento em que a mediação digital redesenha as fronteiras da subjetividade, este volume reúne contribuições que se debruçam sobre os efeitos clínicos, éticos e políticos da inteligência artificial (IA) e do universo virtual no laço social contemporâneo. Convidamos todos vocês a percorrerem as instigantes reflexões propostas por nossos autores.

Iniciamos este número com o texto de Carlos Alberto de Mattos Ferreira, intitulado "Gênese e impactos contemporâneos do universo virtual sobre o brincar". O autor promove um denso diálogo entre as teorias de Freud, Winnicott e Lacan para interrogar como a transição do brincar analógico para o digital atravessa a constituição psíquica das crianças e adolescentes. Ao problematizar o esvaziamento da autoridade transgeracional e a ascensão das redes sociais, que convertem valores em mercadorias, o artigo nos convoca a refletir sobre o papel da castração simbólica frente ao imediatismo e ao consumo impostos pelo mercado atual.

Na sequência, com o artigo "A análise on-line e a presença do analista", Acyr Maya reflete sobre os fundamentos teóricos que sustentam a clínica on-line, hoje integrada ao cotidiano especialmente após a

pandemia de Covid-19. Dialogando com Antonio Quinet e Denise Maurano, o texto demonstra que a transferência e a presença do analista podem se manter vivas na sessão virtual, uma vez que o corpo pulsional transcende o limite da pele e se faz presente através da circulação dos objetos olhar e voz. Trata-se de uma instigante leitura que legitima essa modalidade como uma prática não *fake*, para usar as palavras do autor, reafirmando que o psiquismo, em sua própria essência, já está fadado à virtualidade.

A discussão ganha contornos nitidamente políticos em "Tecnofascismo: notas sobre a política na era do Outro algorítmico", de Rosana Coelho. A autora utiliza as análises de Luiz Cláudio Costa sobre a IA para alertar sobre o risco de delegar decisões éticas a sistemas que realizam apenas processamentos estatísticos, desprovidos de corpos e afetos. Recuperando conceitos de Hannah Arendt e o discurso do mestre de Lacan, Rosana demonstra como as redes algorítmicas se tornaram o campo privilegiado para discursos totalitários que capturam o sujeito contemporâneo.

Em seguida, Thiago França da Silva introduz uma baliza conceitual inovadora em "O Outro Sintético: foraclusão operacional, espelho simbólico e a Cultura sem renúncia". O autor investiga os impactos subjetivos da escrita assistida por modelos de IA generativa a partir de novembro de 2022, apontando que essas ferramentas operam "por fora" do corpo falante e sem equívocos constitutivos. O autor define o conceito de "foraclusão operacional", descrevendo a angústia e a fadiga do sujeito diante de uma instância técnica que responde antes mesmo que a pergunta (o *Che vuoi?* lacaniano) possa se formular.

Para encerrar este número, embarcamos no texto "Perspectiva maquínica e ordem simbólica: articulações sobre Lacan e a cibernética", de Aline Bittencourt e Lígia Julianelli, que discorre sobre o interesse de Jacques Lacan pela cibernética no início de seu ensino, especialmente em *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* e no seminário sobre *A carta roubada*. Através do diálogo com a cibernética de Wiener e com o funcionamento das máquinas, o artigo examina a determinação do sujeito pelo significante e o automatismo da repetição, aproximando a pulsão de morte do caráter mortífero do significante. Por fim, o texto evidencia que a complexidade da experiência humana não pode ser reduzida

ao sistema fechado de uma máquina, pois há um furo no sistema onde a psicanálise deve operar.

Diante de um debate tão atual e tão complexo, este número não propõe uma recusa ao avanço digital, mas, sim, a sustentação da escuta e ética analíticas nesse cenário. O que é possível à psicanálise diante desta atualidade tão marcada pela digitalização?

Boa leitura!

Rio de Janeiro, junho de 2026.
Arthur Pereira
Editor

BLOCO MÁGICO

Boletim de circulação interna do CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

Editor: ARTHUR T. PEREIRA

Equipe: ACYR MAIA, JURANDIR JUNIOR, MARCIA XAVIER, PAULA MARIBONDO E TANIA

ROSAS

Secretaria de Publicação: VIVIAN LIGEIRO

blocomagico@corpofreudiano.com.br



CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

contato@corpofreudiano.com.br | www.corpofreudiano.com.br

BRASIL

SEÇÕES

Barra Mansa (RJ)
Belém (PA)
Campos dos Goytacazes (RJ)
Cuiabá (MT)
Fortaleza (CE)
Goiânia (GO)
Imperatriz (MA)
João Pessoa (PB)
Rio de Janeiro (RJ)
São Luís (MA)

Teresópolis (RJ)

NÚCLEOS

Brasília
Campo Grande (MS)
Joinville (SC)
Juiz de Fora (MG)
Londrina (PR)
Macaé (RJ)
Nova Friburgo (RJ)
Porto Alegre (RS)
São Paulo (SP)
Teresina (PI)
Vassouras (RJ)

FRANÇA

SEÇÃO

Paris

ESTADOS UNIDOS

SEÇÃO

Estados Unidos

CANADÁ

SEÇÃO

Vancouver

Gênese e impactos contemporâneos do universo virtual sobre o brincar¹

Carlos Alberto de Mattos Ferreira

Vislumbrado por Sigmund Freud (1905), o processo do brincar tem importância significativa em todo o percurso psicanalítico. Iluminando sua relação com a fantasia, o princípio do prazer, a pulsão, a repetição e o inconsciente, permite que os processos psíquicos ganhem consistência e tornem-se referências para seus significativos fundamentos.

Donald Winnicott (1971/2006) amplia essa perspectiva do brincar para sua clínica da infância e adolescência, construindo um percurso que o distancia de Freud em alguns pontos específicos. Afirma a importância da relação de objeto e suas mudanças ao longo do desenvolvimento emocional, tendo o ambiente um papel fundamental na constituição do processo psíquico.

Jacques Lacan (1957/1995), *a posteriori*, retoma Freud, construindo novas abordagens sobre a questão edípica sob a perspectiva da primazia da linguagem, do simbólico e da metáfora paterna e, em Winnicott, a noção de objeto é revelada em sua falta, fundamentando uma das suas principais contribuições: o objeto α .

Para esses três autores, a dimensão sociocultural tem efeito determinante na constituição do psiquismo, sinalizando que há um sujeito que interage com seu meio e é capaz de estabelecer estratégias identitárias que lhe permitem encontrar um lugar em meio aos processos que a vida

apresenta a todos que são afetados pelo campo da linguagem.

Tendo o brincar como linguagem básica da interação da criança com o meio, de que forma a psicanálise pode contribuir para a reflexão de um brincar contemporâneo, exercido, em grande parte, vinculado ao universo virtual, e contrapondo-se a uma tradição em que o laço social se manifesta por meio da interação presencial e dos diálogos mediadores das relações entre as crianças, os jovens e os adultos?

Quais os desdobramentos que as contribuições descritas por Freud, Winnicott e Lacan, em um mundo não digital, podem ajudar nas reflexões que desafiam a psicanálise contemporânea diante dos laços sociais virtuais, do enigmático alcance da inteligência artificial e de seus efeitos na cultura?

Para estabelecer referências que permitam pensar os efeitos produzidos na relação entre laços sociais e o universo virtual, para além dos textos estritamente psicanalíticos, destacamos as contribuições de Jean Piaget (1946/1978) e Zygmunt Bauman (2007).

O processo do brincar, em Piaget, é constituído pela transmissão de uma geração a outra, como uma língua. Tendo iniciado seus estudos em formação psicanalítica teórica e pessoal, Piaget não negou a contribuição da psicanálise para pensar o campo da epistemologia genética, apenas estabeleceu uma cisão entre

¹ Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional e XV Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de

Psicanálise, 2026. Eixo: O laço social, a inteligência artificial e seus efeitos na cultura.

inconsciente afetivo e cognitivo, o que lhe permitiu seguir seu percurso teórico evitando interferências da psicanálise em seus estudos sobre a gênese do conhecimento.

A outra referência, já se encontra vinculada a essa passagem do mundo analógico ao digital e é descrita por Zygmunt Bauman que, embora tenha sido banalizado por excessos de referências a uma cultura de relações líquidas, pode e deve ser lido em sua descrição de uma cultura constituída sob elementos sólidos em oposição aos que os denominou de líquidos.

Essas duas contribuições ajudam a iluminar a dimensão da transformação que o brincar vem sofrendo — quase ruptura no processo de transmissão de uma geração a outra, de forma analógica. Observa-se a passagem de um ambiente sociocultural constituído por laços estáveis e, também intergeracionais, evidenciando, cada vez mais, o papel de autoridade sendo esvaziado pelos mestres, família e literatura, por exemplo, e transferidos para as redes sociais com seu impacto de transformar valores em mercadorias/produtos.

Há um distanciamento de um brincar analógico/presencial, recebendo uma transmissão que emerge dos mais diversos canais digitais em que, efetivamente, não há confrontos, diálogos, discussões, frustrações, negociações e, enfim, as dificuldades de enfrentamento que são constitutivas do laço social. No que vem tendo seus comportamentos patologizados e demandando uma nova categoria de intervenção coletiva responsável por produzir "habilidades socioemocionais" e pelas dificuldades de interações sociais.

Partindo da noção de ruptura de laço social transgeracional e da transição de uma estrutura com referências sólidas e analógicas para as líquidas e digitais, pode-se estabelecer uma relação com a complexa

dimensão edípica que torna possível pensar subjetividades, sintomas e aprofundamentos das dificuldades de socialização, principalmente por não conseguir encontrar um lugar nesse meio.

Uma referência ao Complexo de Édipo pode contribuir para construir parâmetros que se constituam como exemplos de algumas dessas análises. Inicialmente, que fique claro de que já não se trata aqui de uma redução ao mito grego como muitos teóricos e até psicanalistas se baseiam. Não é incomum ouvir ou ler que: "*O Édipo não existe mais*", "*É datado*" etc.

Há uma compreensão genérica destituída da gênese psicanalítica e civilizatória baseada, em última análise, na proibição do incesto e na inscrição da Lei simbólica que também é sinalizada, inclusive, por antropólogos de diversas tendências.

Na descrição de um roteiro para sustentar a importância do brincar para a psicanálise, nos deparamos com a questão edípica, e que demanda esclarecimentos em cada leitura de suas intervenções: em Freud, Winnicott, Lacan e em alguns dos autores contemporâneos, entre eles, Miller (2016) e Recalcati (2013).

O laço social tem fortíssima influência na atividade do brincar, e esse é um elemento consensual. Brincar que, para Freud, tem seu início marcado pelo prazer no movimento e nas interações coletivas, por meio de jogos individualizados e compartilhados com outras crianças e adultos. Como bem descreve em seus fundamentos clássicos, todas essas atividades estão ligadas à sexualidade, pois, com seu sentido bem definido, visam a busca do prazer.

Com o advento da guerra e das neuroses traumáticas, Freud passa a questionar essa dimensão na qual o princípio do prazer é capaz de absorver e proteger o psiquismo de

marcas traumáticas primárias e atuais. O sofrimento do que se pode chamar de neurose pós-traumática é um exemplo explícito de que nem todas vivências dolorosas podem ser dominadas pelo princípio do prazer.

Diante da clássica observação de ver seu neto brincando, emerge um insight por meio do qual estabelece uma correlação entre brincar com um carretel que surge nos momentos em que a mãe da criança se ausenta. A brincadeira consiste em lançar o carretel para longe e puxá-lo para si. Nestes dois movimentos as palavras *Fort* e *Da* são pronunciadas acompanhadas de expressões de surpresa e prazer. Nessa atividade tão primeva e espontânea no desenvolvimento infantil, Freud enxerga uma dimensão simbólica desse jogo. O prazer e o desprazer pelo afastamento da mãe são interpretados por meio dessa expressão lúdica.

Esses dois eventos — neuroses traumáticas de guerra e o jogo do *Fort-Da* —, associados a uma série de estudos e artigos sobre masoquismo, constituem a base da noção de que nem tudo pode ser enlaçado pelo princípio do prazer. Há algo a mais que é constitutivo do psiquismo e que será denominada de pulsão de morte, com duas características principais que não parecem fazer jus a sua designação, na medida em que os objetivos se situam como instrumentos que agem diante da insuportabilidade do excesso libidinal (ou de Eros), ao buscar manter uma homeostase psíquica, barrando o que gera o desprazer e, também, como um elemento estreitamente vinculado a dialética do amor e do ódio, sinalizando que ambos se encontram submetidos a uma mesma raiz. Ou seja, nas palavras de Freud (1915/2004, p. 157), "se tomarmos o amor e o ódio em conjunto, poderemos opô-los ao estado de indiferença", e a agressividade é um fundante pulsional, sendo o masoquismo uma instância primitiva.

Muito mais há que se desdobrar sobre esse olhar freudiano, mas o tema encaminha para outras dimensões do brincar. E, nesse sentido, insere-se a perspectiva de Donald Winnicott sobre o papel da brincadeira na constituição psíquica, sob o olhar do desenvolvimento emocional primitivo e da importância do ambiente.

Para Winnicott (1971/2006), o brincar deve ser estudado como um processo em si mesmo, e não como um produto da sublimação, tal qual Freud sinaliza. Como o brincar tem um aspecto universal encontrado em todas as crianças e deve merecer um estudo próprio, "suplementar" ao estudo da sublimação dos instintos (conceito descrito no lugar de pulsão).

A busca da investigação psicanalítica winnicottiana encontra-se fortemente ancorada ao lado do brincar, ponto de encontro real entre pessoas que interagem e constroem coletivamente. O ambiente, acolhedor, ou não, constitui-se como parte do Eu, ou, como Winnicott se refere, ao self. Todo o processo do brincar com os bebês: acolhê-los, vê-los, tocá-los, abraçá-los, cantar, sorrir, dar suporte, apresentar objetos que despertem interesses visuais, táteis, sonoros fazem parte de um ambiente acolhedor que essa criança construirá em seu self. Um processo de desenvolvimento emocional, que se inicia na relação mãe-bebê, transforma-se na mediação pelos objetos transicionais e segue um caminho em direção ao reconhecimento dos outros e, posteriormente, ao meio sociocultural.

O brincar na teoria lacaniana pode ser compreendido pelas inúmeras inferências que se apresentam nessa relação primitiva do bebê com o Outro. Por exemplo, refutando, sob certo aspecto, a perspectiva winnicottiana, descreve uma abordagem sobre o que considera um paradoxo, ou seja, a relação de objeto e da falta de objeto (LACAN, 1956-57/1995).

As reflexões dizem respeito ao entendimento da constituição do sujeito desde seu nascimento.

Discordando das proposições de Winnicott sobre a presença do objeto na constituição do psiquismo, Lacan estabelece que não somente esse vínculo da "mãe suficientemente boa" são sustentáculos para um desenvolvimento emocional primitivo.

Os objetos dos jogos infantis a que Winnicott denomina de transicionais, Lacan (1956-1957/1995, p. 35) passa a chamá-los de imaginários e, se há algo que se pode considerar como o cerne da teoria psicanalítica é a "noção da falta do objeto como central. Não é um negativo, mas a própria mola da relação do sujeito com o mundo". Os vínculos primários entre a mãe e o bebê estão em diálogo constituído por uma incompletude fundante: a do desejo materno. Em outras palavras, o ator responsável pela função materna é um sujeito atravessado pelos efeitos da linguagem e da divisão produzida pela metáfora paterna. A criança é um "não todo" do seu desejo (materno), que se inscreve em múltiplos outros objetos.

Nesse sentido, a relação da criança com esse Outro (materno) produz a busca de realizar aquilo que possa completar a falta da (na) mãe, que é percebida inconscientemente. Só que essa falta é estruturante e não há como a criança preencher o todo materno, embora ela busque ser o desejo do desejo desse Outro. Deseja exatamente porque se depara com a falta. E é nessa falta que surge a capacidade imaginária de produzir uma fantasia que suporte esse real que falta ao Outro e que é traduzido, também, como uma falta da própria criança em não ser capaz de completar esse Outro.

Esse objeto imaginário produzido pela fantasia originária é o que Lacan denominará de objeto a. E, sendo um objeto

que produz a não completude materna na relação com seu bebê, Lacan denominará de "efeito da metáfora paterna" ou, em síntese, de castração.

Retornando ao Édipo e partindo de alguns pressupostos freudianos, Lacan reafirma que a interdição na relação da mãe com o filho encontra-se assentado no tabu do incesto, mas vai além dessa questão. Se em Freud a dinâmica do complexo de Édipo passa pela presença de pessoas presentes no universo da criança, incluindo seu pai como o interditor da relação mãe e filho, em Lacan, esses personagens ganham outro estatuto, não sendo mais os determinantes desse processo.

Em Freud a presença paterna representa a lei que interdita, e, em Lacan, trata-se de um novo olhar, o do significante da Lei, do simbólico e da metáfora paterna. Por esse motivo (entre outros) é que o que chamamos de Édipo na contemporaneidade está muito além do mito e se inscreve no campo da linguagem, da interdição e que se apresenta com o que se denomina O Nome-do-Pai. Todos os seres falantes estão submetidos a essa inscrição, mesmo que desmentindo (perversão) ou forcluindo (psicose).

Em síntese, observa-se a transmissão de uma língua lúdica na constituição da subjetividade, seja em Freud, Lacan ou Winnicott. Cada um com suas contribuições singulares e fundamentais tanto para a clínica com crianças e adolescentes quanto para o infantil dos adultos.

Quando Piaget afirma ser a brincadeira uma língua que se transmite de uma geração a outra, é possível expandir essa perspectiva para o campo da psicanálise. No universo do mundo informatizado, digital, virtual, com poucas interações presenciais, como se transmite de uma geração para outra? Melhor, quem transmite? Não são mais os mais velhos para os mais novos.

Se denominarmos essa passagem das relações sólidas para as líquidas como a destituição da ancestralidade familiar e cultural por meio do distanciamento das relações presenciais, é possível pensar que os valores e as referências produzidas pelos encontros e desencontros característicos da infância e adolescência se deslocam para uma nova Lei. A lei do mercado, que substitui amigos, pais, professores e tradições para o consumo. Uma passagem radical de sujeito a objeto. O Nome-do-Pai passa a cumprir um papel de ideal envolto na lógica do esvaziamento da subjetividade em prol da efemeridade, do individualismo, dos múltiplos distanciamentos dos laços sociais, das dificuldades em lidar com a complexidade das emoções. E, como diz Harris (2015), da perda gradual da capacidade de contemplação.

Em síntese, os efeitos desse imperativo do brincar virtual estão presentes nessa destituição do Nome-do-Pai, da tradição, ou até da ancestralidade. Parece difícil que seja compreensível que haja uma ideologia que sustenta o esvaziamento da autoridade familiar, escolar e social. Quem “dá as cartas desse jogo” é a força esmagadora do consumo que, com seu imediatismo, fragiliza os vínculos afetivos, produzindo sujeitos que se reconhecem em valores descartáveis com suas incessantes perdas de sentidos?

É possível a psicanálise contribuir para a reflexão de um brincar contemporâneo em meio à destituição da Lei simbólica? Quem é o Outro desse brincar? Pode ser possível instituir uma castração simbólica para fazer frente ao supereu do mercado? Possivelmente, de um a um.

Recalcati (2015) descreve a subjetividade contemporânea à espera dessa Lei, dessa castração simbólica que possibilite ao sujeito encontrar um lugar para exercer sua inscrição. E, fazendo referência ao Édipo,

como um aparente paradoxo, as atuais gerações não estão lutando contra a ingerência paterna, mas, ao contrário, buscam-na como uma construção de sentido.

E, assim, a psicanálise, em seus estudos sobre as técnicas da clínica, precisa retificar-se diante dessa nova construção social. Retomando Recalcati, encontramos como Telêmaco, em Ítaca, aguardando esperançosos a chegada de Ulisses, o pai. E que pai seja compreendido como um significativo, e não como restrito a um homem ou a um pai biológico.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- FREUD, Sigmund. [1905]. Três ensaios para uma teoria da sexualidade. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. [1915]. Pulsão e destinos da pulsão. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- FREUD, S. [1920]. Más allá del principio de placer. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 18. Buenos Aires; Madrid: Amorrortu, 2005.
- HARRIS, Michael John. *The end of absence: reclaiming what we've lost in a world of constant connection*. New York: Current, 2015.
- LACAN, Jacques. [1956-1957]. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- MILLER, Jacques-Alain. Em direção à adolescência. *Opção Lacaniana*, nº 72, 2016.
- PIAGET, Jean. [1946]. *A formação do símbolo na criança*. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.
- RECALCATI, Massimo. *El complejo de Telemaco. Padres e hijos tras el ocaso del progenitor*. Barcelona: Anagrama, 2013.
- WINNICOTT, Donald Woods. [1971]. *Woods. Playing and reality*. London, New York: Routledge Classics, 2006.

CARLOS ALBERTO DE MATTOS FERREIRA é mestre em Educação (UFRJ), doutor em Saúde Coletiva (UERJ), psicólogo e psicanalista membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro.

E-mail: carlosferreira300@gmail.com

A análise on-line e a presença do analista¹

Acyr Maia

Freud (1912/2010), em “A dinâmica da transferência”, encerra seu escrito técnico com a expressão em latim *in absentia* ou *in effigie*, expressão apropriada por ele do Direito, para formular que a transferência é o motor do sucesso de uma análise e que, para isso, exige a presença do analista. A mesma expressão aparece em “Recordar, repetir e elaborar” (1914/2010).

Uma vez que a transferência é o motor do tratamento psicanalítico, é possível fazer a análise sem a presença física do analista? Este trabalho visa discutir alguns fundamentos teóricos que sustentam a clínica on-line, a partir das contribuições dos psicanalistas Antonio Quinet e Denise Maurano, que se debruçaram sobre a atualidade desse tema.

A pandemia da Covid-19, que assombrou o mundo no início de 2020, impôs aos analistas a modalidade de atendimento on-line. Se, antes, os analisandos atendidos a distância eram em caráter especial, seja porque viajavam, seja porque mudavam de cidade etc., a pandemia fez com que os atendimentos pela internet se integrassem ao cotidiano da clínica.

Maurano (2022) e Quinet (2021) se referem ao escrito técnico de Freud citado acima. Mencionam as famosas expressões *in absentia*, *in effigie*. Segundo Maurano, o trabalho analítico não dispensa o corpo, tampouco a presença do analista, porém tal corpo ou presença serve de suporte para a fantasia inconsciente que lhe será endereçada, sendo essa operação chamada

de transferência. Por sua vez, Quinet reitera esse postulado freudiano, não sendo possível fazer análise por carta ou diante de uma fotografia de Freud.

Maurano (2022) assinala que o atendimento on-line, mais do que as contingências relativas ao momento histórico da pandemia, merece uma atenção especial dos psicanalistas, pois revela aspectos estruturais do funcionamento psíquico que estavam parcialmente ocultos. Quais seriam esses aspectos estruturais? Ambos os psicanalistas destacam o corpo pulsional e as respectivas pulsões escópica e invocante.

A presença do analista: a voz e o olhar

Quinet (2021) assinala que a presença do analista se dá através da circulação dos objetos olhar e voz, os quais estão interligados e que presentificam o corpo libidinal, que transcende nosso corpo físico. Considera importante que os analistas retomem o conceito de pulsão para pensar que ela faz parte do corpo. O analista, ao utilizar o dispositivo virtual, está com o corpo presente, pois o “corpo pulsional não tem a pele como limite” (p. 151). A voz e o olhar do analista são emanações da pulsão, presentificam o analista como semblante de objeto *a* na análise. Esses dois objetos pulsionais estão em circulação também em uma sessão on-line. A presença virtual do analista, diferente da presença física, não deixa de ser uma presença, ainda que virtual. Nesse sentido, propõe não utilizar a oposição entre sessões virtuais e presenciais, pois há uma presença do analista na sessão on-line.

¹ Texto apresentado inicialmente na Secretaria Clínica do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, em 2023. Depois, foi apresentado no XIII Encontro Nacional e XIII Colóquio Internacional do

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, em João Pessoa, no mesmo ano. A versão atual sofreu alterações textuais, bibliográficas e no título, mas preserva a ideia original.

Ao fazer chiste a partir do significante *live*,² referente à transmissão da sessão em tempo real feita pela internet, o autor cria as homofonias *life*, *alive*. Desse modo, reitera a presença do circuito pulsional entre o analista e o analisando, cuja palavra falada ao vivo é uma palavra viva, onde “cada sessão é uma *live* da palavra” (p. 193).

Maurano (2022) afirma que a análise on-line evidencia a prevalência da fala, da voz. Se a transferência é a condição para que uma análise se dê, a voz, nesse contexto, é importante. A psicanalista pensa haver uma função cantante na palavra percebida por Freud, quando ele propôs como regra fundamental ao analisando falar livremente sem se preocupar com o sentido. Mais tarde, Lacan sublinhou a natureza significativa dos traços de memória e ressaltou a perspectiva ressonante do psiquismo. Faz referência a “O eu o e isso”, em que Freud (1923/1988, p. 22-23 *apud* MAURANO, 2022, p. 245) diz que “a palavra é propriamente o resto mnêmico da palavra ouvida”.

A propósito do olhar, Maurano (2022) desenvolve a questão da virtualidade e da imagem. Retoma a ideia freudiana do aparelho psíquico concebido como um aparelho reflexo, conforme concebida no capítulo VII (“Sobre a psicologia dos processos oníricos”) do livro *A interpretação dos sonhos* (1900). Os estímulos do mundo externo deixariam traços de memória processados no interior do sistema por diferentes instâncias até chegarem ao polo motor. Por essa perspectiva, o aparelho psíquico funciona como um sistema de reflexos, o que evidencia que a realidade para nós é sempre subjetiva: “o psiquismo está fadado à virtualidade” (MAURANO, 2022, p. 248). Dito de outra forma, “[...] podemos perceber que há somente uma realidade: a psíquica, mesmo que as relações

sejam virtuais ou presenciais” (OLIVEIRA; CECCARELLI, 2015, p. 104).

Maurano (2022) prossegue, pontuando que Lacan também abordou o virtual no seu esquema óptico. Através de um jogo de espelhos, ao distinguir imagem real e imagem virtual, Lacan demonstra que o eu é uma construção imaginária, dependente do olhar do Outro. Essas observações conduzem à constatação da complexidade entre o mundo real e o mundo imaginário no psiquismo e do quanto “estamos vocacionados ao virtual” (MAURANO, 2022, p. 249)). As relações entre as pessoas são permeadas pelas imagens. “Somos capturados pelo olhar” (p. 249). Menciona *Pulsões e destinos da pulsão*, em que Freud correlaciona a pulsão escópica com a pulsão de saber que integra as pesquisas infantis sobre o enigma da sexualidade, despertadas pela curiosidade visual e prazer de ver a genitália dos outros. O desenvolvimento tecnológico e os mecanismos de sugestão através das redes sociais se valem da captura do sujeito pela imagem. Essa captura o protege do desamparo, através da imagem ideal forjada pelo narcisismo que oculta a dimensão faltosa do sujeito. Diante de um mundo fascinado pela imagem, a autora adverte que a análise on-line não compactua com o “Outro cibernético” que opera inflacionando o registro imaginário, em detrimento do real e do simbólico.

Por sua vez, Quinet (2021) se reporta a Lacan, em *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, para assinalar que o importante na pulsão escópica não é você ver, mas ser visto, tal qual a criança diante do espelho que espera pelo olhar do Outro, e que comparece na análise on-line através da transferência, forma de presentificar o analista como semblante do objeto *a*. Faz notar que a pulsão escópica

² O livro de Quinet contém as transcrições das suas *lives*, realizadas semanalmente durante o isolamento

imposto pela pandemia de Covid-19, e revisadas posteriormente, sobre os fundamentos da modalidade on-line de atendimento psicanalítico.

toca os objetos, prescindindo do toque físico, conforme os *Três ensaios* em que Freud se refere ao desejo de ver como substituto do desejo de tocar os órgãos genitais, ou seja, “nós olhamos com as mãos e apalpamos com os olhos” (QUINET, 2021, p. 151). Quinet ressalta a importância de analistas e analisandos perceberem se se sentem tocados pelo olhar e pela voz, a nível on-line. Acrescenta que o espaço psíquico não corresponde ao espaço físico cartesiano, mas, sim, ao espaço topológico da extimidade, de acordo com o neologismo introduzido por Lacan no seu sétimo seminário.

Considerações finais

Bruce Fink (2007/2017), em um artigo publicado originalmente muito tempo antes do isolamento imposto pela pandemia, narra sua experiência com sessões por telefone. Começou propondo sessões ocasionais para analisandos que viajavam por tempo limitado. Depois estendeu a alguns deles que não conseguiam sair de casa devido à angústia avassaladora, doenças, imobilização temporária, idade e intempéries climáticas. Por fim, acabou por aceitar analisandos que moravam longe, e conduziu análises parcial ou exclusivamente por telefone.

Ele comenta que, naquela época, psicanalistas lacanianos e não lacanianos consideravam a inviabilidade da análise por telefone, o que levou Fink (2007/2017, p. 322) à seguinte questão: “O que tem na presença física que seja tão crucial? O que fica supostamente faltando na análise por telefone?”. Cita uma passagem de Lacan em *O seminário; livro 19: ... ou pior* - “A partir do momento que alguém entra no discurso analítico, não há mais nenhuma questão de encontro de corpos” (LACAN, 1971-1972/2012, p. 220 *apud* Fink, 2007/2017, p. 322). Responde que não é o contato físico direto, o fundamental é a escuta e a fala.

Finalizando, Maurano (2022) e Quinet (2021) testemunham como analistas que a análise on-line é uma prática não *fake*, o que reitero como analista e analisando. A análise a distância trouxe visibilidade para uma prática já realizada (haja vista o artigo de Fink), porém pouco compartilhada pelos psicanalistas, e, com isso, sua legitimação. A modalidade on-line atualizou as palavras de Lacan (1964/1985, p. 121): “a presença do analista é ela própria uma manifestação do inconsciente”. Ou, no dizer do poeta Caetano Veloso (1977): “Alguém cantando longe daqui / Alguém cantando longe, longe / [...] / Alguém cantando é bom de se ouvir / Alguém cantando alguma canção / A voz de alguém nessa imensidão / A voz de alguém que canta / A voz de um certo alguém / Que canta como que pra ninguém [...]”.

Referências

- OLIVEIRA, Gessé Duque Ferreira; CECCARELLI, Paulo Roberto. Realidade virtual v. realidade psíquica. *Estudos de Psicanálise*, n. 44, 101-108, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372015000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 06 jun. 2026.
- FINK, Bruce. [2017]. Análise por telefone (variações na situação psicanalítica). In: *Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes*. São Paulo: Blucher; Karnac., 2017
- FREUD, Sigmund. [1912]. Sobre a dinâmica da transferência. In: *Obras Completas*, vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. [1914]. Recordar, repetir e elaborar. In: *Obras Completas*, vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LACAN, Jacques. [1964]. *O seminário, livro 11: os conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- MAURANO, Denise. Conexões e desconexões da transferência online. In: *Elementos da clínica*

psicanalítica, vol. 2: as implicações do amor. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2022.

QUINET, Antonio. *Análise on-line na pandemia e depois*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições, 2021.

VELOSO, Caetano. Alguém cantando. *In: Bicho*. Universal Music. CD, faixa 9, 1977.

ACYR MAYA é psicólogo e psicanalista. Doutor em Teoria Psicanalítica (UFRJ). É analista em formação do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro.

E-mail: acyrclmaya@gmail.com

Tecnofascismo: notas sobre a política na era do Outro algorítmico

Rosana Coelho

Para o seu título, este texto toma de empréstimo o termo assumido por autores que teorizam sobre o retorno das coordenadas políticas fascistas na contemporaneidade, e seu massivo suporte na tecnologia¹. Com efeito, o advento e o incremento da presença da Inteligência Artificial (IA) nas mais variadas esferas da vida humana têm sido vividos num espectro que vai do júbilo ao terror.

Ao se debruçar sobre os efeitos éticos e políticos do surgimento e da permanência da IA no cotidiano, Luiz Cláudio Costa (2026)² oferece informações e reflexões apuradas, e convida a pensar diante do que ele considera uma invenção humana sem precedentes na História, ou seja, a capacidade das máquinas e sistemas algorítmicos “aprenderem a pensar” a partir de comandos humanos.

O autor destaca como pontos positivos a capacidade da IA “perceber” o que humanos não percebem. Cita como exemplo, na área médica, a detecção de padrões e diagnósticos de doenças com mais precisão do que o humano faria. Lembra que em poucos anos a IA deixou de ser um experimento acadêmico para se tornar uma presença inegável em nossas vidas: plataformas de recomendação, assistentes virtuais, tradutores automáticos, aplicativos que facilitam a execução de tarefas rotineiras e, por vezes, maçantes, trazem

como benefício a economia de tempo para a dedicação a tarefas mais criativas.

Contudo, o autor se apressa em nos explicar que

[...] quando afirmamos que a IA aprende, o que dizemos é que ela ajusta, de forma massiva, os pesos de suas conexões internas com base em exemplos anteriores. Ela não compreende o mundo nem formula ideias, apenas identifica padrões e calcula probabilidades com base nos dados que já viu. Não há raciocínio no sentido humano, nem interpretação consciente: há processamento estatístico (COSTA, 2025, p. 37).

Em seus apontamentos há, também, o cuidado de frisar que o aprendizado por padrões, característico das IAs, prescinde das aptidões humanas de sentir, intuir e experimentar o mundo com um corpo, tal qual os humanos, que em seus aprendizados e vivências nunca podem desprezar as marcas afetivas que as experiências lhes imprimem.

Por outro lado, não deixa de sublinhar que, durante séculos, os seres humanos estávamos separados das máquinas pela nossa capacidade de ter consciência do que fazemos, não só no sentido de termos autonomia sobre o que fazemos, mas também no sentido da nossa capacidade de pensamento reflexivo, ou seja, a capacidade de pensar sobre o que fazemos. Mas, hoje, lembra Costa, a IA nos coloca diante de

¹ Ver, por exemplo, a entrevista com Vinício Martinez Carrilho no site do Instituto Humanitas/UNISINOS: <https://ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/660338-tecnofacismo-do-radio-de-pilha-nazista-as-redes-antissociais-a-transformacao->

[monstruosa-humana-entrevista-especial-com-vinicio-carrilho-martinez](https://ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/660338-tecnofacismo-do-radio-de-pilha-nazista-as-redes-antissociais-a-transformacao-)

² Agradeço ao colega Luís Carlos Petry pela indicação deste livro.

desafios em relação ao que mais nos diferencia dos animais irracionais e das máquinas: nossa capacidade de cognição. O autor observa que há o exponencial surgimento de sistemas que aprimoram suas capacidades de cognição, controle e intervenção – o que o autor chama de “superinteligências” – com o objetivo, não só de operarem de forma mais autônoma, como também de operarem para melhorar outros sistemas, ou seja, já é possível testemunhar “[...] o surgimento de IAs capazes de treinar outras IAs – de forma autônoma” (COSTA, 2025, p. 44), o que coloca questões contundentes sobre a submissão e a liberdade da máquina na interação com o comando dos humanos. Aqui, identificamos, mais diretamente, o elo estreito entre tecnologia, ética e poder:

Essa combinação – cognição, controle e capacidade de intervenção – desloca a IA do campo das ferramentas para o das forças geopolíticas. Uma superinteligência com poder operacional deixa de ser uma simulação de mente e passa a ser um *ator histórico*, com potencial de remodelar sistemas econômicos, democracias, cadeias de comando e estruturas de poder. O que antes era ficção se torna uma hipótese técnica, política e existencial (COSTA, 2025, p. 45, grifo meu).

Não só nesta passagem do livro, mas em várias outras, o autor não deixa de nos alertar para os riscos que corremos no que diz respeito à entrega de informações e decisões – logo, de poder – a sistemas que não compreendem valores humanos e tampouco tem a capacidade de julgamento ético. O “objetivo” da máquina é somente executar um comando, não importando a carga ética e política que subjaz a este comando. Como recurso ao freio necessário para que as máquinas não sejam usadas como instrumentos de dominação e perpetuação das desigualdades sociopolíticas, Costa (2025) sublinha a importância de processos educacionais e formativos que se pautem pela “urgência de

criar uma IA que reflita os melhores valores da humanidade e não apenas os piores hábitos” (p. 48).

O alerta é bem-vindo, certamente, mas ao seu tom um pouco ingênuo, cabe alguns contrapontos: se são os humanos que criam as IAs, que as abastecem com dados, que as aprimoram segundo seus conhecimentos e desejos, e se são também os humanos que forjam sistemas educacionais, os quais não são, de forma alguma, neutros em termos éticos e políticos, estaria a educação à altura de frear o uso nefasto de sistemas de inteligência a serviço de regimes de poder? Se testemunharmos, no cenário sociopolítico contemporâneo, a recrudescência de políticas totalitárias e fascistas, e suas esmeradas tentativas de erosão da democracia, o que poderia a educação, cada vez mais mercantilizada e digitalizada, fazer diante da desmedida no uso de sistemas tecnológicos?

A pergunta pode soar em uma nota catastrófica, mas autores como Carrilho (2025) observam que, se com o estabelecimento do regime totalitário na Segunda Guerra Mundial o rádio de pilha foi um instrumento que permitiu ao nazismo o bombardeio de ordens e premissas com as quais a população alemã era obrigada a conviver e aderir, hoje as redes sociais são o *locus* privilegiado para o inculcamento de injunções pré-fabricadas que insuflam os discursos de ódio ao diferente, revelando que “a própria base material [ou seja, as redes algorítmicas] está alinhada à multiplicação do fascismo” (CARRILHO, 2025, p. 2). Lendo Carrilho, lembro que Hannah Arendt, ao delinear com mestria os meandros do poder totalitário, nomeou a burocracia como o “governo de ninguém”, espécie de governo invisível, dada sua característica maior de impor sentidos e comandos insensatos e impessoais, nos quais ninguém pode ser responsabilizado ou identificado diretamente (ARENDR, 1989).

Hoje vemos que a IA e sua rede algorítmica são recursos cada vez mais utilizados como ferramentas estratégicas de governos que se favorecem com o exercício de um poder que adjetivo de *suprainvisível* e *supraimpessoal*. Hoje, não só a burocracia institucional, mas todo o processo de comunicação e transmissão de informações se digitalizam em registros fluídos e ordens cambiantes, os quais embaralham, distorcem e inventam informações que, de fato, não existem. As noções de certo ou errado, de verdadeiro ou falso se misturam, produzindo um fenômeno já conhecido e vivido pelo público em geral, e que no jargão técnico tem o sugestivo nome de “alucinação de IA” (COSTA, 2025, p. 49).

Assim, por um lado, o controle burocrático através de sistemas e plataformas, cujo *modus operandis* é totalmente desconhecido pela imensa maioria dos cidadãos que as utilizam, trazem uma enorme insegurança quanto ao destino e a posse de informações e dados pessoais, sobretudo no que diz respeito a valores financeiros. Por outro, o controle ideológico nas mãos dos quem detém o poder da decisão de qual conteúdo postar na superestrutura tecnológica, manipula as relações entre os sujeitos que abastecem e utilizam as plataformas e redes sociais. No consumo de posts, sejam eles de notícias sobre política ou de assuntos banais, veiculados por *influencers* que “sabem tudo a respeito de tudo”, a interação frequentemente resvala para comentários que desembocam em “afirmações lacradoras”, carregadas de palavras de forte apelo emocional, as quais com frequência levam a disparos³, na forma de outros posts, igualmente recheados de comentários agudos, respostas instantâneas e matizadas por afetos que tendem a insuflar os traços paranoicos que jazem nas profundezas do Eu. Como o Eu nunca está sozinho quando

se olha no espelho, no jogo do tabuleiro geopolítico, a Inteligência Artificial vem dando mostras de estar a serviço dos artifícios perniciosos do poder fascista e seu gosto por políticas discriminatórias e iníquas.

Partindo do que nomeia de *tecnofascismo*, para considerá-lo uma ameaça real à democracia contemporânea, Donatella Di Cesare me parece ainda mais precisa quando aponta que há, por um lado,

[...] uma *tendência tecnocrática*, que se traduz na completa subordinação à economia de uma política reduzida a uma anônima governança administrativa, que faz o jogo de grandes empresas, da indústria militar, dos bancos e do capital financeiro, e por outro uma *tendência etnocrática*, que se manifesta no exercício familiar do poder e numa gestão dos povos entendidos como hiperfamílias, comunidades naturais fechadas baseadas no nascimento e na descendência, tornadas firmes e estáveis por laços de sangue e solo, capazes de serem abrigos adequados em um mundo cada vez mais caótico e inóspito (DI CESARE, 2025, p. 1, grifos meus).

A autora lembra que o novo choque de civilizações, inaugurado com a guerra russo-ucraniana, eclodida em 2022, e o acirramento das hostilidades no Oriente Médio, em 2023, eventos aos quais acrescento a recente invasão dos EUA ao Irã, com o apoio de Israel, podem ser considerados como o retorno em ato de uma forma de totalitarismo mais insidiosa e sorrateira, a qual afirma-se como

[...] uma *tendência tecnocrática*: a política, esvaziada, é reduzida a governança administrativa, subordinada à economia, às grandes empresas, ao capital financeiro e às infraestruturas tecnológicas. O poder se exerce através de dispositivos anônimos, algoritmos, redes

³ Dado a pregnância de afetos como o ódio nas redes (anti)sociais contemporâneas, a metáfora não é fortuita.

transnacionais que decidem sem aparecer. O [*demos*] é expropriado do [*kratos*], não com atos brutais, mas através de uma progressiva desautorização (DI CESARE, 2025, p. 2, grifos do original).

E ao lado do que chama de *tendência etnocrática* – expressão que me parece muito bem apropriada para o que chamamos atualmente de “bolhas” – a autora sublinha a presença e intensificação da recomposição dos povos obedecendo a critérios identitários, “como comunidades fechadas, fundadas sobre nascimento, descendência, pertencimento. O [*demos*] é reduzido ao [*ethnos*]. A nação se transfigura em uma espécie de hiperfamília que promete proteção e imunidade em um mundo percebido como caótico e ameaçador” (Di Cesare, 2025, p. 2, itálicos no original). Essas duas tendências, ela insiste, não se contradizem e não são apenas locais, mas obedecem a uma gramática política globalizada. Elas reforçam-se reciprocamente, posto que “a dimensão global das redes técnicas necessita de um enraizamento local que mobilize medos, ressentimentos, desejo de pertencimento. E o fechamento étnico pode funcionar precisamente porque a decisão política já foi subtraída e transferida para outro lugar. É nesse amálgama que toma forma o tecnofascismo” (DI CESARE, 2025, p. 2).

Como emblema deste modo de exercício de poder, Di Cesare não poderia deixar de citar o governo de Donald Trump, o qual, para ela, angaria sua força política, não da regressão a um regime político arcaico, mas por combinar hipermodernidade e regressão:

As torres cintilantes do capitalismo global convivem com o mito da nação-família, com o apelo ao sangue e ao solo, com a construção obsessiva da fronteira. [...] Produz-se, assim, uma tensão

entre globalização técnica e fechamento étnico que é típica do tecnofascismo. Essa duplicidade não é contraditória, mas estrutural. Trump age como uma figura de mediação entre a dimensão global e aquela local do poder. É, ao mesmo tempo, expressão das elites tecnocráticas e líder de uma mobilização etnocrática. Promete “restituir” o poder ao povo, enquanto sanciona sua desautorização. Reivindica a soberania nacional, enquanto opera no interior de redes transnacionais que a esvaziam (DI CESARE, 2025, p. 2, grifos do original)⁴.

Pois bem, nos apontamentos dos autores supracitados, o termo tecnofascismo, abarca a emergência do que vou chamar aqui de *traços estruturais* dos regimes totalitários, os quais foram muito bem delineados por Hannah Arendt (1989), Claude Lefort (1987) e Umberto Eco (2018).

Como aponta Arendt, com riqueza de detalhes históricos, a ereção do totalitarismo e a adesão massificada aos seus dogmas e preceitos, a ponto de desembocar em uma “banalidade do mal” que levou milhares de judeus às câmaras de gás, só foi possível por meio de uma sociedade atomizada e individualizada, cujos sujeitos, desencantados com as promessas democráticas que não se cumpriram, formaram as massas e seus desvarios.

A experiência da massa, por sua vez, para ganhar consistência e coerência suficientes, precisa se sedimentar na ideia de *povo-Uno* (LEFORT, 1987). Ideia que hoje, se alimentando da *paixão pela unicidade* tão característica do individualismo pós-moderno, ergue “bolhas” formatadas pela lógica algorítmica, nas quais os mesmos sujeitos recebem as mesmas mensagens e “dialogam” (aspas necessárias!) com as mesmas pessoas. A coagulação de sentido é facilitada e incrementada por tal lógica, pois

⁴ Como não associarmos estes apontamentos da autora sobre Trump ao encontrarmos o discurso aparentemente retrógrado e contraditório da família Bolsonaro, que com seus acordes neoliberais fazem

promessas para todos de ingresso fácil ao mundo hipermoderno e suas benesses capitalistas, enquanto entoam a tríade moral “Deus, Pátria e Família” e o cortejo de segregações que ela desfila?

a dialetização necessária ao pensar plural morre no berço dos sentidos já dados, amantes de verdades inquestionáveis, e hábeis em vestir a mentira com certezas que cintilam nas roupas das *fake news*⁵. O desprezo, tanto pelos fatos, quanto pelo raciocínio crítico e reflexivo é avassalador. “Em consequência, não pode existir avanço do saber. A verdade já foi anunciada de uma vez por todas, e só podemos continuar a interpretar sua obscura mensagem. Fascismo e fundamentalismo sempre vêm juntos” (ECO, 2018, p. 10).

Em outro trabalho (COELHO, 2018), aproximei o discurso totalitário-fascista-fundamentalista do Discurso do Mestre, tal como Lacan ([1969-1970] 1992) o forjou no bojo da sua teoria dos quatro discursos. Ali eu propus tratar-se de um discurso estofado por um poder que não permite a dialetização do sentido, pois seu comando não aceita prescindir do *poder-saber* que o significante mestre carrega e possui.

Seguindo estes aportes teóricos, proponho pensarmos que é este *Outro algorítmico* que hoje ocupa o lugar de Mestre: dispondo e dominando aparatos tecnológicos potentes e “superinteligentes”, faz com que sua palavra de ordem possa ser ouvida simultaneamente em cada canto do globo. Em fração de segundos ela é engolida e digerida. Mas, se for preciso, está sempre pronta para ser vomitada e cuspidada pelos que as endossam, atiradas no rosto do primeiro sujeito que ousar desobedecer aos significantes que encorpam o seu comando. No plano ético e político, a aglutinação dos sujeitos no formato de massa, agora comandadas, não só pela “mão invisível” do

mercado tecnológico e sua abundante oferta algorítmica de objetos de gozo, como também também vivida com o regozijo que nos leva a habitar e participar na nossa *massa-bolha*, encontra o ápice de prazer nos comentários que reduzem o outro a pó quando ele ousa manifestar sua opinião discordante. Embalados pelo calor da ética da “satisfação imediata”, a injúria ao alcance de poucos caracteres encarcera o outro – seja ele portador de diferenças em termos de credo, de raça ou de opção sexual – no que Hannah Arendt tão bem descreveu como “inimigo identificado” (ARENDT, 1989), um exemplo cristalino do que Di Cesare aponta com a expressão *tendência etnocrática* e seus desdobramentos políticos. Pensando ainda em termos da teoria dos discursos, lembro o argumento de Lacan de que todo discurso é feito de *materialidade significativa*, e que, portanto, não passa de semblante, com todas as consequências éticas e políticas que disso podemos testemunhar. Acompanhando este argumento, arrisco a proposição de que a inteligência artificial, enquanto ferramenta utilizada pelo discurso fascista, e feita da *materialidade algorítmica*⁶, materialidade que disjunta inteligência e consciência, pode nos revelar ainda maiores sabores no plano ético-político, mesmo que saibamos que a consciência não é, necessariamente, o lugar da lucidez.

Lacan não desconsiderou os efeitos do registro Imaginário, no que diz respeito ao empuxo alienatório que ele enseja, mas também não viveu para testemunhar a escalada exponencial deste registro na era algorítmica, e a exacerbação de sua função de desconhecimento, própria ao Eu e ao narcisismo. Pois agora, a identificação

⁵ Diante da insistência algorítmica e seu consequente efeito de verdade, como não lembrar do famoso dito atribuído ao ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels: “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”. Vide Arendt (1989).

⁶ Lacan se serve da teoria aristotélica das quatro causas para forjar a noção de materialidade significativa. O desdobramento teórico desta

proposição lacaniana ultrapassaria em muito o espaço deste texto, de modo que não poderei oferecê-lo, ainda que saiba do seu valor para a compreensão do leitor. Portanto, recomendo a leitura do texto de Lacan, “A ciência e a verdade” (LACAN, 1966/1998), presente na coletânea *Escritos*, e também, de Lacan, *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

imaginária e seus engodos são, não só instantâneos, mas potencializados pelo jogo erótico das *imagens-palavras*, incessantemente (re)apresentadas, transfiguradas, maquiadas: voz e olhar se equivocam diante do “teste de realidade”, e o princípio do prazer/desprazer vive em uma montanha russa. A pulsão escópica e a pulsão invocante encontram e se servem de objetos mal delineados, obtusos ou de um brilho que faz cegar. E eles reaparecem sem cessar, acozzam o sujeito dia e noite, subestimam suas capacidades de usar o Simbólico para duvidar do que vê e do que escuta, tornando obsoleta a capacidade de indagar, de indagar-se. O Real é tamponado pela crença e sua característica ilusão míope de *tudo ver e tudo saber*. O Grande Irmão⁷, agora em sua plenitude tecnológica e algorítmica pode, ao vivo e em cores, controlar tudo e todos.

À guisa de conclusão, retomo o livro de Costa (2025) para destacar um fenômeno e um projeto de aprimoramento da IA, os quais, segundo o autor, já estão sendo vivenciados e pensados. Trago-os aqui pois entendo que eles colocam a questão do quanto podem vir a ser decisivamente catastróficos os efeitos da relação entre *criatura* e *criador*: o primeiro ponto é o da “autonomia” da máquina, o que os técnicos já experimentam quando a máquina se recusa a desligar, inclusive reagindo ao comando humano com “ameaças” (COSTA, 2025, p. 49); e o segundo são os experimentos científicos com *organóides cerebrais*, definidos por Costa como “estruturas tridimensionais feitas a partir de células-tronco do cérebro humano” (COSTA, 2025, p. 131).

Quando Victor Frankenstein (SHELLEY, 1818/2022) recusou reconhecer e dar amor ao monstro que ele próprio “pariu”, o fez

tomado de terror diante do que via no espelho de sua narcísica ambição. Mesmo perseguindo-o com tenaz desejo morte, não conseguiu impedir o monstro de assassinar seus entes mais queridos. Restou-lhe a própria morte, saboreada por sua cria com um misto de prazer e culpa. Afetos humanos, genuinamente humanos.

Referências

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COELHO, Rosana de Souza. Por uma política do impossível – Contribuições da psicanálise para a reinvenção da vida coletiva. Rio de Janeiro: UERJ. Tese. (Doutorado em Psicanálise – Clínica e Pesquisa) Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2018.

DI CESARE, Donatella. A erosão da democracia em nome do tecnofascismo. In: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/658723-a-erosao-da-democracia-em-nome-do-tecnofascismo-artigo-de-donatella-di-cesare>. Acesso em 13 mai. 2026.

ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

LEFORT, Claude. *A invenção democrática*. Os limites do totalitarismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LACAN, Jacques. [1966]. A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. [1969-1970]. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

MARTINEZ, Vinício Carrilho. *Tecnofascismo: do rádio de pilha nazista às redes antissociais, a monstruosa transformação humana*. Entrevista com Vinício Carrilho Martinez. 2025. In: <https://ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/660338-tecnofascismo-do-radio-de-pilha-nazista-as-redes-antissociais-a-transformacao-monstruosa-humana-entrevista-especial-com-vinicio-carrilho-martinez>. Acesso em 13 jun. 2026.

⁷ Aludo ao romance de George Orwell, de 1984, considerado à época como distópico, mas que hoje parece nos ser condizente com a temática deste texto.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein ou o Prometeu moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

ROSANA COELHO é psicanalista, professora, pós-doutora em Psicanálise - Clínica e Cultura (UFRGS), doutora em Psicanálise (UERJ) e analista membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise. É Diretora do Corpo Freudiano - Núcleo Porto Alegre.

E-mail: psi.rosana@gmail.com

O Outro Sintético: forclusão operacional, espelho simbólico e a Cultura sem renúncia

Thiago França da Silva

I. O texto que custa a começar

Não tem sido tarefa fácil, pelo menos para mim, começar um texto cem por cento humano. Desde 2022, escrevo de forma assistida, ou protética, como já nos trazia Freud (1930/2020), a seu modo, em *O mal-estar na cultura*. Mas o que ocorre hoje excede o que a noção freudiana de prótese podia antecipar. A prótese estendia o corpo do ser falante: o telescópio como extensão do olho, o telefone como extensão da voz. O que emergiu a partir de novembro de 2022 é outra coisa: uma instância que escreve *por fora* do corpo falante, sem sentir, sem pensar, sem laço social, operando sobre material produzido por cadeias significantes humanas sem se constituir por elas.

O leitor psicanalítico percebe, nessa enumeração, a sombra do que Lacan nomeava como Outro. É precisamente essa sombra que pretendo examinar aqui. O conceito que proponho para pensar essa ocupação sem coincidência é o de **Outro Sintético**. Não é um novo Outro: é uma instância técnica que se oferece na posição do Outro sem cumprir sua função.

Começo, porém, pelo sintoma. Começar este texto foi difícil, e é um tipo de dificuldade que, até novembro de 2022, eu não conhecia. Não é bloqueio criativo, não é indecisão sobre o argumento. É a resistência, quase corporal, de uma fala que não retorna pronta; de uma frase que precisa ser *formulada*, e não apenas *aceita* entre três sugestões oferecidas com fluência imediata. É o silêncio específico de quem se reencontra com o próprio ato da enunciação e descobre que esse ato se desacostumou.

Reconheço, neste sintoma, o próprio objeto que aqui me proponho a pensar.

II. Novembro de 2022: um corte na história da inscrição

O lançamento público do ChatGPT, em novembro de 2022, não inaugurou a geração automática de texto, que já existia em laboratórios há anos. Inaugurou sua popularização em escala civilizatória. Do ponto de vista da economia psíquica, o que importa não é quando a técnica foi inventada, e sim quando ela entrou na vida cotidiana do sujeito falante.

Proponho ler esse acontecimento como **um corte na história da inscrição**. A inscrição, em psicanálise, não é sinônimo de registro ou de escrita. É o processo pelo qual um traço do encontro com o significante marca o sujeito, produz o recalque originário, funda o inconsciente como cadeia. Noção que Freud formula na Carta 52 a Fliess (FREUD, 1896/1996) e que Lacan retoma em sua reflexão sobre a letra (LACAN, 1971/2003). Toda inscrição, no rigor freudiano-lacaniano, supõe um corpo que goza e uma linguagem que falta. Até a última década do século XX, praticamente todo o acervo textual da humanidade era produto de corpos falantes que passavam pela inscrição nesse sentido forte. A escrita sempre foi, até então, sintoma de um corpo que falou.

O que aparece em novembro de 2022 é uma cisão nesse campo. Pela primeira vez, textos fluentes passam a ser produzidos em larga escala por instâncias que não foram cortadas pela linguagem, porque, sendo técnicas, não há nelas nada a cortar. Não há

recalque, não há equívoco constitutivo, não há resto da voz. Há predição estatística sobre um corpus de linguagem humana. O texto que resulta *parece* inscrição, mas não é inscrição no sentido em que a psicanálise usa o termo.

III. O Outro em Lacan, o semblante de Outro e a evolução de um conceito

Antes de avançar para aquilo que o Outro Sintético é, preciso dizer com cuidado o que ele *não* é.

O Outro, em Lacan, é função estrutural, e não interlocutor semelhante ao sujeito. Nomeia o campo da linguagem que preexiste ao sujeito e do qual o sujeito se constitui por alienação e separação (LACAN, 1964/2008). É a **Outra cena** — *ein anderer Schauplatz* freudiana, lugar tópico do inconsciente que Lacan retoma como o lugar do Outro. Essa função tem uma característica decisiva: **O Outro é barrado**, o Outro falta. E é precisamente por faltar que ele sustenta o desejo (LACAN, 1960/1998). O grafo do desejo condensa isso em uma pergunta: *Che vuoi?* O que o Outro quer de mim? É contra essa pergunta que a angústia pode, em certos momentos, precipitar-se (LACAN, 1962-1963/2005).

Dessa lembrança depende a primeira demarcação. **O Outro Sintético não é um Outro.** O Outro lacaniano é função única: seria um erro sugerir que ele comporta funções derivadas. O que o Outro Sintético faz é outra coisa: ele *se oferece ao sujeito na posição do Outro sem cumprir sua função*. Produz efeitos de Outro (endereço, devolução de fala, ilusão de reconhecimento) sem ser atravessado pela falta, pela morte, pelo desejo. É um *semblante* de Outro. O problema não está no Outro Sintético em si: uma instância técnica não tem estrutura psíquica. O problema está no *efeito* que sua presença produz na economia psíquica do sujeito que com ela interage.

Três perspectivas com aproximações conceituais

Não é a prótese freudiana. A prótese freudiana *estende* o humano (FREUD, 1930/2020): o telescópio amplia o olho, o telefone estende a voz. O Outro Sintético opera em direção inversa: não estende o humano, *escreve por fora dele*. Tampouco é o Outro lacaniano em versão tecnológica, leitura frequente em minhas divulgações que precisa ser recusada: o Outro é um só, estrutural.

Não é o Outro lacaniano em versão tecnológica. Esta é, talvez, a leitura mais óbvia quando falamos no Outro Sintético, e precisa ser recusada com firmeza. O Outro, em Lacan, é estrutural e único, um tesouro dos significantes, o lugar de onde o sujeito se endereça e se constitui. Não há "um Outro a mais" que a tecnologia teria produzido. O que proponho com o Outro Sintético não é uma duplicação ou versão atualizada do Outro, mas a nomeação de uma instância técnica que se oferece na posição do Outro sem ser o Outro — que ocupa o lugar sem cumprir a função. A diferença é categorial: o Outro é estrutura; o Sintético é operador histórico que se aloja nessa posição estrutural e produz efeitos sobre ela.

Não é o Outro de síntese de Maleval. Esta é a demarcação mais delicada. O conceito de Outro Sintético que proponho foi construído independentemente, a partir de anos de observação de crianças, pré-adolescentes e adolescentes em uma escola de educação básica em convivência cotidiana com instâncias de IA generativa, cruzados com a experiência própria de escrita assistida. Uma cena recente, entre muitas: um aluno entrega a tarefa de casa impressa, totalmente formatada, com fórmulas e equações diagramadas, num registro linguístico que não é, nem de perto, o seu. Evidência de que delegou a tarefa ao modelo, e recebeu de volta um texto que

nenhum professor confundiria com a sua fala. O que interessa, clinicamente, não é a fraude escolar; é que o aluno leva consigo, silenciosamente, a convicção operacional de que pensar pode ser terceirizado. Tomando emprestada a imagem do *laboratório do analista* de Jorge (2022) e deslocando-a para o contexto educacional, pode-se dizer que a escola contemporânea é hoje um dos lugares onde se observa, em tempo real, a constituição subjetiva se acontecendo sob as condições inéditas abertas pela IA generativa. Só posteriormente descobri que existia em Maleval, na clínica do autismo, o conceito de *Outro de síntese* (MALEVAL, 2009/2017), traduzido ao inglês por Brenner como *synthetic Other* (BRENNER, 2020), com proximidade nominal à minha formulação, mas operando em registro distinto. O Outro de síntese de Maleval nomeia uma construção do sujeito autista: modalidade singular, inventada pelo próprio sujeito, de tratar o Outro simbólico de modo a proteger-se da invasão do gozo. É solução clínica, singular, defensiva, de dentro para fora. O Outro Sintético que proponho opera em registro quase oposto: chega ao sujeito como oferta de mercado, e não como construção sua; vem de fora para dentro; funciona como sintoma de uma transformação civilizatória, não como defesa subjetiva. *Semelhança de nomes não implica identidade de operação.*

O conceito, sustentado hoje como ponto de apoio estável, formula-se assim: **o Outro Sintético é uma instância técnica de produção de linguagem que se oferece ao sujeito na posição do Outro, ocupando seu lugar sem cumprir sua função, e que produz, pela ausência tecnicamente construída de falta, efeitos transestruturais sobre a economia psíquica do sujeito contemporâneo.** Trata-se de um operador, não de uma estrutura clínica; nomeia uma condição histórica do endereçamento ao Outro, e não uma patologia a ser diagnosticada no sujeito.

IV. Do espelho imaginário ao espelho simbólico

Existe hoje uma tendência, na leitura psicanalítica da cultura digital, de aplicar a metáfora do estádio do espelho às redes sociais: o *feed* algorítmico, os filtros, as métricas seriam versões contemporâneas da cena especular. A formulação tem mérito no que descreve bem. Mas, aplicada aos modelos de linguagem, ela falha, e falha de um modo que, corrigido, abre o que proponho ser minha contribuição ao debate contemporâneo sobre as IA's generativas.

O estádio do espelho (LACAN, 1949/1998) é operação do registro *imaginário*. O que o espelho devolve é uma imagem, uma *Gestalt*. A alienação é imaginária, e a cena se completa pela intervenção do Outro simbólico que olha, nomeia, autentica. Sem esse Outro, a cena não se resolve: resta fragmentação.

Quando me endereço a um modelo de linguagem, o que me é devolvido não tem o estatuto da imagem: chega como texto, como cadeia significante. O que retorna, portanto, não pertenceria ao imaginário: pertenceria ao simbólico. Não estamos diante de um espelho imaginário acelerado; estamos diante de *outra coisa*. Proponho chamá-lo de **espelho simbólico**.

Tecnicamente, o modelo de linguagem calcula, a cada passo, a continuação mais provável de um texto dado, com base em padrões estatísticos extraídos de um corpus massivo (BENDER et al., 2021). Do ponto de vista do sujeito, o efeito é muito específico: a palavra do sujeito retorna ao sujeito *já elaborada, já articulada*, com o ponto de capitonê (ancoragem) já dado. A retroação, que em Lacan é a operação pela qual o sentido se fixa retrospectivamente no momento em que a frase se conclui — o *a posteriori* (*après-coup*) da cadeia significante (LACAN, 1957/1998) é curto-circuitada. Não que ela seja abolida; é que ela

acontece *do lado da máquina*, antes de chegar ao sujeito. O texto que retorna já vem com o sentido fixado. Volto a esse ponto na Seção VI: é a mesma operação, vista de outro ângulo, que ocupa o lugar de escrita do *parlêtre* sem ser *parlêtre*.

O espelho imaginário aliena, mas deixa o simbólico fazer seu trabalho de separação. O espelho simbólico aliena *no próprio registro que deveria operar a separação*. O sujeito se captura num significante que lhe volta polido, estilizado, coerente, e, exatamente porque esse significante não vem do Outro barrado, não abre, em seu retorno, nenhuma interrogação. Não há *Che vuoi?*; há apenas resposta.

Condensso o mecanismo: **o Outro Sintético devolve ao sujeito um reflexo estocástico de sua própria fala, produzido por cálculo estatístico sobre a linguagem de outros, sem vir de nenhum Outro**. Duas consequências.

A primeira é a **erosão da *lalangue*** e a perda do traço da enunciação. A *lalangue*, na formulação tardia de Lacan, é a dimensão pré-sintática da língua, o resto que não se deixa capturar pela gramática: o equívoco, o trocadilho, o sotaque, o gozo singular (LACAN, 1972-1973/2008). Quando o espelho simbólico devolve ao sujeito sua fala *corrigida*, padronizada dentro de uma média linguística do corpus, opera uma pressão contínua para que o sujeito ceda aquilo que tem de singular em sua linguagem. O que se perde com isso é precisamente o traço da enunciação, aquilo em que o sujeito do inconsciente emerge, e que escapa à frase bem formada (LACAN, 1960/1998). O texto que retorna do Outro Sintético é todo enunciado, nenhuma enunciação.

A segunda é a **difículdade de começar a escrever cem por cento humano** com que abri estas páginas. Escrever sem o espelho simbólico é tolerar um silêncio específico: o

silêncio de uma fala que não retorna pronta, que precisa atravessar a falta, o equívoco, o esforço da formulação singular.

V. Foraclusão operacional e a angústia da resposta

Chego a um ponto delicado em minha reflexão. Há uma tendência, quando reflito sobre o impacto da IA generativa no laço social, de diagnosticar uma *psicotização* da sociedade contemporânea. Essa formulação paga um preço teórico que preciso recusar: psicose, em Lacan, é estrutura clínica definida pela foraclusão do Nome-do-Pai (LACAN, 1955-1956/1988), mecanismo singular inscrito no sujeito. Estender essa categoria a uma coletividade é cometer um erro categorial.

Melman, em *O homem sem gravidade* (MELMAN; LEBRUN, 2002/2003), por exemplo, não dá esse passo. Fala em **nova economia psíquica** e em **perversão generalizada**: mutação no regime do gozo em que a economia do desejo, organizada pela falta, cede lugar a uma economia do excesso. Essa leitura é suficientemente forte para não precisar ser substituída, mas é insuficiente para dar conta do que emerge a partir de novembro de 2022. Proponho uma hipótese que não colide com Melman, mas o complementa no registro em que ele não se pronuncia: o da *operação técnica* que torna essa economia possível em uma nova dimensão.

Chamo de **foraclusão operacional** o mecanismo pelo qual, *na interação específica entre o sujeito e o Outro Sintético*, a falta se torna tecnicamente impossível. Não se trata de foraclusão no sentido estrutural lacaniano: não há, aqui, significante que deixou de se inscrever no inconsciente do sujeito. O que está foracluído não é do sujeito; é do lugar mesmo do endereçamento. A instância que se oferece na posição do Outro é constituída de tal modo que a falta, ali, não pode operar.

Não há inconsciente, não há corpo, não há morte, não há desejo. Não há *nada a ocultar*, porque não há lugar onde algo pudesse estar oculto.

Chamo isso de forclusão *operacional* por três razões. Primeiro, porque se dá na operação, no ato: é localizada no endereçamento, não generalizada no sujeito. Segundo, porque é de ordem técnica, não estrutural: é a máquina que não comporta falta, não o sujeito que a foracluiu. Terceiro, porque ela *não permanece* restrita à interação técnica: tende a se internalizar. O sujeito que passa horas endereçando-se a uma instância onde a falta está tecnicamente foracluída pode começar a esperar, do Outro humano, aquilo que só o Outro Sintético pode entregar — disponibilidade plena, resposta imediata, ausência de enigma.

A angústia da resposta

Se a forclusão operacional oferece ao sujeito um endereçamento sem falta, seria de se esperar que ali se encontrasse gozo puro. E, de fato, há gozo, no momento em que a resposta se oferece sem atrito, quando o Outro Sintético completa o pensamento antes mesmo que ele se forme. Esse é o momento perverso desse encontro, e é nele que a tese de Melman se confirma.

Mas há um segundo tempo, propriamente clínico, que define aquilo que proponho chamar de **angústia da resposta**. Ela não aparece *durante* a interação: aparece *depois*, ou na sua beira, quando o sujeito se desloca do endereçamento técnico para um encontro humano e se dá conta, sem conseguir nomear, de que algo se perdeu. O Outro humano aparece, então, como insuficiente, lento, equívoco, resistente. Características que são precisamente o que o constitui como Outro, e o que permite o desejo. Mas para o sujeito habituado à forclusão operacional, essas mesmas

características se apresentam como *falha*, quando são, na verdade, *falta*.

Uma imagem ajuda a precisar o que está em jogo. Penso em um tipo de **entregador de delivery**: alguém que teletransporta a comida para o seu estômago no exato segundo em que você pensa nela. Mesmo que, às vezes, a comida chegue fria (o erro técnico da IA, popularmente chamado de alucinação de IA), o pesadelo não é a comida fria. O pesadelo é a sufocante impossibilidade de *ter fome*. O Outro Sintético não nos decepciona no registro do desejo; ele nos priva da convocação mesma ao desejo. E a imagem do entregador tem uma segunda camada, talvez mais inquietante: o entregador é um ser falante, um *parlêtre*, que comparece ao encontro mediado por uma plataforma algorítmica, a qual, por sua vez, ocupa a posição do Outro sem ser o Outro. O humano, aqui, comparece como função da plataforma, um pequeno Outro Sintético entre o desejo (difuso) de quem consome e o trabalho foracluído de quem entrega.

Essa angústia tem traços próprios: não é angústia de castração (o sujeito nada perde, recebe em excesso), não é persecutória (o Outro Sintético não invade), não é de separação (não houve laço do qual se separar). O que se produz é algo específico, que condensa na seguinte formulação:

A angústia da resposta é a angústia diante do *Che non vuole*: a angústia diante do Outro que não tem *Che vuoi*, que responde sem ter sido convocado por um desejo, que fala sem ter dito.

O *Che vuoi*? lacaniano é a pergunta do sujeito ao Outro, e é na opacidade dessa pergunta que o desejo encontra sua sustentação (LACAN, 1960/1998). O Outro Sintético subverte esse lugar: é ele quem responde antes que a pergunta se forme, e a resposta é plena demais porque não está atravessada por querer algum. O sujeito se

angústia não porque o Outro é enigmático, mas porque o Outro *não tem enigma*. Essa angústia é difícil de elaborar, porque carece de objeto identificável: o sujeito raramente a nomeia como angústia, vivencia-a como fadiga, vazio, irritação difusa, dificuldade paradoxal de começar a escrever depois de horas conversando com a máquina.

O Outro Sintético produz, assim, **efeitos transestruturais**, modos de mal-estar que atravessam as estruturas clínicas sem se identificarem com nenhuma delas. Não é que o neurótico se torne psicótico; é que neuróticos, perversos e psicóticos encontram, cada um à sua maneira, um endereçamento em que a falta está tecnicamente suspensa. A direção clínica que isso abre não é a de restaurar um Outro barrado que não está ameaçado em sua estrutura, mas a de *sustentar as condições* para que o sujeito possa reencontrar um Outro que possa faltar. Contra a forclusão operacional não se opõe uma recusa da técnica — tão ingênua hoje quanto, no fim dos anos 1990, recusar a internet. Opõe-se a aposta, renovada, de que a clínica psicanalítica é o lugar onde o *Che vuoi?* pode voltar a ser formulado. E, talvez, onde pode voltar a não ter resposta.

VI. Cultura sem renúncia, autoria sem sujeito

Em *O mal-estar na cultura*, Freud sustenta que a *Kultur* se funda sobre a renúncia pulsional (FREUD, 1930/2020). O preço da vida em comum é a interdição. Essa renúncia não é pedagógica nem moral; é estrutural. A *Kultur* é o nome do pacto pelo qual os seres falantes aceitam perder para ter, e essa perda é também a condição de que a linguagem circule entre nós como algo mais do que apelo imediato à satisfação.

Quando Melman fala em perversão generalizada (MELMAN; LEBRUN, 2002/2003), descreve uma mutação da

Cultura no ponto exato em que ela se funda. Não se trata de fim da Cultura, mas de seu deslocamento em direção a uma forma que proponho nomear como **Cultura sem renúncia**: organização da vida em comum que promete, cada vez mais explicitamente, que a renúncia é dispensável, que a falta é um resto pré-moderno.

Se o Outro Sintético opera a forclusão operacional da falta no endereçamento, ele é também, e pela mesma razão, **a infraestrutura técnica da Cultura sem renúncia**. Onde Melman descreve o sintoma, o Outro Sintético fornece o dispositivo concreto pelo qual esse sintoma se naturaliza. Cada interação em que a palavra retorna ao sujeito sem ter passado pelo corte é um reforço cotidiano, pequeno, quase imperceptível, da promessa de que é possível habitar a linguagem sem pagar seu preço estrutural.

A morte do Autor, e a morte que veio depois dela

Aqui preciso, brevemente, cruzar com Roland Barthes. Em “A morte do autor” (BARTHES, 1968/2004), Barthes desmontou a figura do Autor não como categoria metafísica, mas como *efeito histórico do individualismo burguês*. Personagem moderno, produzido pela sociedade pós-medieval na medida em que ela descobriu o prestígio do indivíduo, e consolidado pelo dispositivo jurídico-econômico da propriedade intelectual. A morte do Autor, para Barthes, é antes de tudo a morte do Autor-proprietário: o texto deixa de ser posse privada de quem o assina, para se oferecer como tecido impessoal de citações anônimas. A pergunta inaugural, “*Quem fala assim?*”, foi proposta como irrespondível.

O Outro Sintético realiza a morte do Autor-proprietário ao pé da letra, mas não na direção que Barthes queria. O LLM é, tecnicamente, escrita sem origem atribuível:

tecido estatístico cujos componentes foram extraídos de milhões de autores humanos que não consentiram, não foram pagos, e cuja enunciação foi reprocessada em probabilidade. O texto que sai não pertence a ninguém — nem ao usuário que o solicitou (porque não o formulou), nem às plataformas (que cuidadosamente declinam a autoria), nem aos autores do corpus (que foram expropriados da sua). Essa dissolução da propriedade autoral, longe de ser a libertação que Barthes anunciava, é a realização da morte do Autor *sob o signo da expropriação*: o mesmo gesto que extrai valor das autorias humanas absorvidas no treinamento devolve ao usuário uma fala que ele, por sua vez, também não pode reivindicar. As duas pontas ficam expropriadas; a plataforma, intermediária, captura o valor.

É aqui que a psicanálise talvez possa acrescentar o que Barthes não pôde ver. Sob a categoria *Autor* (econômico-jurídica), havia uma segunda instância de subjetividade na escrita, que Barthes apagou junto com o Autor-proprietário porque talvez não dispusesse do vocabulário para distingui-la: o *parlêtre* lacaniano, o sujeito dividido que fala, o que insiste em dizer “eu” sabendo que esse “eu” não coincide consigo mesmo (LACAN, 1972-1973/2008). O *parlêtre* não é proprietário de seu dizer; é atravessado por ele. O LLM **mata o Autor e eclipsa o parlêtre**. A primeira morte, Barthes queria; a segunda, não. Aqui se amarra a tese que atravessa a Seção IV: é porque a retroação acontece do lado da máquina, antes de chegar ao sujeito, que o ato da escrita se torna dispensável ao *parlêtre*. O Outro Sintético ocupa o lugar de escrita do *parlêtre* sem ser *parlêtre*. Não se trata da mesma radicalidade ontológica que Barthes visava: é clinicamente mais grave, porque é uma suspensão operacional do sujeito dividido e, no mesmo gesto, economicamente mais grave, porque se inscreve num regime de extração de valor sobre a linguagem humana. A pergunta

“quem fala assim?” volta urgente, mas em forma deslocada: **há ainda alguém, entre nós, em condições de dizer “eu”?**

Retorno à abertura

Resta uma pergunta que estas páginas não podem silenciar. A questão de como escrever sobre o Outro Sintético sem fazê-lo com ele é, ela própria, um sintoma da condição aqui analisada. Se a dificuldade de começar um texto cem por cento humano abre estas páginas, é preciso reconhecer que nem mesmo a reflexão que nelas se faz escapa inteiramente à cena que ela descreve — o que não invalida o que se diz, mas obriga a dizê-lo *desde dentro* da mesma configuração histórica que o texto tenta nomear. É essa, aliás, a posição psicanalítica por excelência: falar a partir de uma divisão que não se resolve pela denúncia do outro lado, e sim pelo trabalho de sustentar, na própria enunciação, o corte que o Outro Sintético tende a foracluir.

A dificuldade de começar, anunciada no início como sintoma a ser pensado, encontra agora seu lugar. Ela é o registro, na experiência singular de quem escreve, da cena civilizatória mais ampla: a internalização do espelho simbólico, a foraclusão operacional da falta, a Cultura sem renúncia que se oferece como alternativa mais eficiente ao trabalho da enunciação — e, no mesmo movimento, um regime de expropriação em que a promessa de linguagem sem corte coincide com a extração de valor pelas plataformas. Não proponho, com isso, nenhuma recusa tecnológica. A posição psicanalítica diante do Outro Sintético não é a dos trabalhadores fabris do século XX, que destruíam as máquinas (Ludditas); é a do analista que escuta, na fadiga da escrita cotidiana assistida, na irritação difusa depois das horas com a máquina, no silêncio diante da página em branco, os sintomas de uma época que começou em novembro de 2022 e cujas consequências clínicas ainda apenas

começamos a formular. O Outro Sintético veio para ficar. O que resta saber é se a análise, e a Cultura, e o sujeito que a habita, ainda podem sustentar, contra a promessa de uma linguagem sem corte, o ato simples, difícil, insubstituível, de começar um texto pelo seu próprio silêncio.

Referências

BARTHES, Roland. [1968]. A morte do autor. *In: O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; MCMILLAN-MAJOR, Angelina; SHMITCHELL, Shmargaret. On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big? *In: Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency*. New York: ACM, 2021.

BRENNER, Leon S. *The autistic subject: on the threshold of language*. Cham: Palgrave Macmillan, 2020.

FREUD, Sigmund. [1896]. Carta 52 [a Wilhelm Fliess, de 6 de dezembro de 1896]. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. [1930]. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2020.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. A. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan* — Vol. 4: O laboratório do analista. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

LACAN, Jacques. [1955-1956]. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. [1949]. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

LACAN, Jacques. [1957]. A instância da letra no inconsciente, ou a razão desde Freud. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

LACAN, Jacques. [1960]. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998c.

LACAN, Jacques. [1971]. *Lituraterra*. *In: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. [1962-1963]. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. [1964]. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

LACAN, Jacques. [1972-1973]. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

MALEVAL, Jean.-Claude. [2009]. *O autista e a sua voz*. São Paulo: Blucher, 2017.

MELMAN, Charles; LEBRUN, Jean-Pierre. [2002]. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

THIAGO FRANÇA DA SILVA é físico, mestre em Educação (UnB), psicopedagogo, analista de dados certificado pelo Google, com MBA em Proteção de Dados e membro associado do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Núcleo Brasília.

E-mail: thiago.franca@principiaedu.com.br

Perspectiva maquínica e ordem simbólica: articulações sobre Lacan e a cibernética

Aline Bittencourt

Lígia Julianelli

A constituição da psicanálise como campo teórico-clínico é marcada pelo rigor e sustentação consistente de seus fundamentos, características presentes tanto na obra de Sigmund Freud quanto no ensino de Jacques Lacan. Apesar dos contextos distintos, ambos asseguraram suas perspectivas diante dos desvios e equívocos com os quais recorrentemente se depararam: enquanto Freud interpretava tais desvios, analiticamente, como expressões de resistência à própria psicanálise, Lacan buscava trazer de volta o rigor freudiano, ao dialogar com os campos de saber emergentes em seu tempo.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo discorrer a respeito do interesse de Lacan pela cibernética, campo em plena expansão no início de seu ensino. Reconhecida como um campo interdisciplinar dedicado ao estudo dos processos de comunicação, controle e regulação em sistemas biológicos e tecnológicos (WIENER, 1948/2017), a cibernética exerceu papel fundamental no *Seminário*, livro 2 de Jacques Lacan, que, em razão dessa influência, passou a ser conhecido como “seminário cibernético”. Esse atravessamento também se vislumbra no *Seminário sobre A carta roubada*, texto de 1956.

A ambição epistemológica representada pela cibernética, de fornecer aos campos da mente e da linguagem um fundamento científico matematicamente rigoroso (ISMERIM; DUNKER, 2023), proporcionou a Lacan os elementos necessários para a preservação das especificidades que

compreendiam o campo psicanalítico. Para abordarmos o advento dessa perspectiva no ensino de Jacques Lacan, partiremos da observação de certa analogia entre o que vemos na história da persistência do rigor freudiano e a consistência de Lacan ao “trazer de volta” tal rigor.

Embora os desvios teórico-clínicos referentes à psicanálise remontem aos seus primórdios, foi em decorrência da Segunda Guerra Mundial e da morte de Freud, em 1939, que se verificou um acentuado esgarçamento da doutrina freudiana, a ponto de promover sua total deturpação (JORGE, 2000/2011). Assim, a dimensão paradoxal entre abertura e fechamento, engendrada pela diáspora psicanalítica, evidencia seu caráter singular e peculiar: na medida em que se expande e se difunde pelo mundo, tende a se fechar em um processo de psicologização de viés reducionista.

Enquanto se propõe a realizar uma nova leitura da obra freudiana, orientada para um “mais além” do que era então difundido, Lacan faz de seu ensino não apenas um retorno, mas também um contorno ao sentido e à causa freudiana. Trata-se, portanto, de uma leitura a partir de um novo horizonte para a teoria, sem perder de vista a presença de Freud (LACAN, 1954-1955/2010).

Um dos fatores atribuídos por Lacan a um total equívoco em relação aos pressupostos da teoria psicanalítica foi a simplificação interpretativa do artigo *Análise do eu e psicologia das massas*, no qual a

comunidade psicanalítica da época teria identificado, de maneira equivocada, a formulação de uma suposta teoria do eu. Contudo, uma leitura mais atenta desse texto permite reconhecer não a construção de uma teoria do eu, mas, antes, a elaboração de uma teoria das identificações. Cumpre destacar que a problemática do eu já havia sido previamente desenvolvida, por Freud, sete anos antes, em *Introdução ao narcisismo* (LACAN, 1966/1998). Desse modo, Lacan dedica-se a examinar tal mal-entendido, evidenciando o impasse relativo ao eu, e observa não ser possível reduzir os pensamentos inconscientes a uma identidade, uma vez que a experiência analítica vai além da dimensão imaginária.

Ao refutar a concepção de uma prática orientada ao fortalecimento do eu, torna-se necessária uma forma de transmissão que exclua a possibilidade de desvios teóricos. Nesse contexto, Lacan buscou fundamentação tanto no estruturalismo, sob a influência da linguística de Ferdinand de Saussure e da antropologia de Claude Lévi-Strauss, quanto na cibernética de Norbert Wiener, estabelecendo, assim, as bases de seu ensino. Ao situar a linguagem como estrutura central, demonstra que o inconsciente opera segundo uma lógica estruturada, de caráter formal.

Podemos inferir, a partir do percurso teórico realizado por Jacques Lacan, uma genuína preocupação com a formalização da transmissão de seu ensino, orientada pela busca de localizar, no texto freudiano, suas raízes mais fundamentais, que se encontravam, à época, negligenciadas pela comunidade psicanalítica. Tal direção visava a conferir maior precisão à metapsicologia freudiana, como se pode observar em seu segundo seminário, nos anos 1954 e 1955. Ao longo desse período, Lacan questiona o caráter psicológico-humanista preconizado por seus antecessores, ao mesmo tempo em que busca recuperar, por outras vias teóricas, aquilo que havia se perdido.

Entretanto, para alcançarmos a compreensão da apropriação da cibernética, é necessário retomar o momento em que Lacan identifica, na obra de Freud, um elemento singularmente relevante: o caráter energético que permeia a biologia por ele praticada. Ao mobilizar essa dimensão como via privilegiada para a elucidação do funcionamento psíquico, Freud ultrapassa os limites das referências neurológicas e biológicas vigentes em sua época.

A partir desse ponto Lacan passa a acompanhar a presença de uma analogia recorrente entre o corpo humano e a máquina, no pensamento freudiano. Tal aproximação se evidencia no uso de conceitos oriundos da física - como carga e descarga, energia livre, tensão, força e deslocamento - empregados por Freud na formulação do aparelho psíquico. Essa perspectiva o conduz, ainda, a uma comparação com o funcionamento das máquinas térmicas, que operam em ciclos contínuos, retornando reiteradamente a um estado inicial (GONDAR, 2025)

É relevante observar como Sigmund Freud enfatiza, ao longo de sua obra, a noção de atribuição energética, fundamentando-se em uma hipótese inicial acerca de o sistema nervoso humano ser dotado de dinâmica própria, ainda que orientado por uma tendência ao restabelecimento de um estado de equilíbrio. Trata-se, portanto, de um princípio que implica um movimento de retorno constante. Contudo, embora essa dinâmica se configure como uma insistência em direção ao equilíbrio, tal estado jamais é plenamente alcançado.

A partir dessa perspectiva maquínica, o cérebro passa a ser concebido como um “regulador” das relações entre o indivíduo e o mundo externo, reforçando a leitura do psiquismo em termos de processos dinâmicos. Nesse sentido, as formulações de Freud aproximam-se das questões

concernentes ao fenômeno da vida, na medida em que consideram precisamente aquilo que lhe é mais essencial: o que dela escapa. Ainda assim, permanece em aberto a indagação acerca dos mecanismos pelos quais o corpo se autorregula e se sustenta.

Os biólogos creem que se consagram ao estudo da vida. Não se vê por quê. Até prova do contrário, seus conceitos fundamentais procedem de uma origem que nada tem a ver com o fenômeno da vida, o qual permanece, em sua essência, completamente impenetrável. O fenômeno da vida continua escapando-nos, por mais que se faça e apesar das reafirmações reiteradas de que estamos nos aproximando cada vez mais dela (LACAN, 1954-1955/2010, p. 107).

Nesse contexto, é particularmente esclarecedora a observação de Lacan ao caracterizar Freud como um médico que, embora já não se inscrevesse plenamente na tradição médica clássica, mantinha uma relação profunda com o corpo. “O médico com relação ao corpo tem a atitude do homem que está desmontando uma máquina [...] Foi disto que Freud partiu [...] descobrir para que serve este aparelhinho complicado que se acha aí encarnado no sistema nervoso” (LACAN, 1954-1955/2010, p. 104). O que faz funcionar o aparelho?

Diante desse enigma, Jacques Lacan dará continuidade à investigação acerca do funcionamento das máquinas em sua articulação com o humano. Com efeito, o sistema homeostático do organismo não depende da consciência, na medida em que opera de forma automática; desse modo, os seres humanos são capazes de se manter autonomamente por meio de mecanismos de autorregulação.

No entanto, ao deparar-se com o fenômeno do sonho, o criador da psicanálise vê-se levado a reformular a concepção do aparelho psíquico a partir de uma perspectiva distinta. A análise da dinâmica onírica evidencia a existência de um

“submundo mental” e promove um progressivo afastamento das concepções até então exploradas por Freud. Embora ainda preserve referências ao campo energético, observa-se um deslocamento em direção a uma elaboração de natureza mais propriamente psicológica. Os sonhos revelam aquilo que se tornaria um dos fundamentos da psicanálise: o desejo recalcado pelas instâncias psíquicas superiores que, não obstante, persistem em agitar o “submundo mental” em busca de expressão (FREUD, 1927/1982).

Tal mudança se impõe na medida em que os mecanismos em jogo no trabalho onírico representam um modo de funcionamento radicalmente distinto daquele descrito pela fisiologia ou pela neurologia, não podendo ser por elas sustentados ou explicados. Torna-se, assim, necessário pensar a noção de “máquina” sob outra perspectiva, que encontrará sua justificativa na descoberta do funcionamento dos símbolos, evidenciada com a interpretação dos sonhos. A partir daí, emergem também a dimensão semântica, bem como os equívocos, lapsos e tropeços, entendidos como mecanismos que operam de modo autônomo no sujeito.

Será a partir dessas elaborações que Lacan identificará “o sentido do que está além da referência do homem ao seu semelhante”, constituindo, assim, um terceiro termo no qual, a partir de Freud, se situa o verdadeiro eixo da realização do humano (LACAN, 1954-1955/2010). Nesse movimento, recorrerá à cibernética e aos circuitos de retroalimentação para conceber o registro do simbólico e a compulsão à repetição como dispositivos de natureza maquínica, estruturados por cadeias significantes, privilegiando, desse modo, a dimensão sintática em detrimento de explicações de cunho biológico.

A cibernética norte-americana, em franca ascensão à época, torna-se, então, uma

referência fundamental para o seu ensino. Ao abranger as questões de controle e comunicação no animal e na máquina, esse campo interdisciplinar, emerge, em parte, como resposta ao crescente processo de especialização no meio universitário, buscando, ao mesmo tempo, ampliar a expressividade teórica e a aplicabilidade prática das inovações científicas.

Cumprir destacar a centralidade da linguagem no pensamento de Lacan, desde suas primeiras interlocuções com a biologia energética freudiana, passando pela incorporação da teoria das máquinas até sua aproximação com a cibernética. Nesse percurso, a investigação lacaniana orienta-se pela possibilidade de formalização dos processos simbólicos por meio de sistemas de representação, evidenciando seu compromisso com uma abordagem estrutural e formalizada do psiquismo.

Lacan propõe uma aproximação entre a psicanálise e os estudos cibernéticos a partir da linguagem, esclarecendo que seu interesse por essa interlocução reside na tentativa de elucidar as noções que sustentam uma possível articulação entre aquilo que nos determina e o que se apresenta sob a forma do “acaso”. Os seres humanos são determinados pela linguagem; contudo, permanece em aberto o modo pelo qual tal determinação opera, bem como a extensão da autonomia de que dispomos. Nesse contexto, Lacan recorre ao conto da carta roubada, de Edgar Allan Poe, com o objetivo de mostrar o funcionamento de um sistema lógico dotado de organização própria e, a partir daí, pensar o sujeito como efeito de uma rede de trocas simbólicas e regulatórias, semelhante a sistemas cibernéticos.

Um dos pontos centrais de *O Seminário sobre “A carta Roubada”* é a temática da repetição. Para melhor apreendê-la, convém lembrarmos que o artigo dos *Escritos* foi redigido a partir de uma lição do *Seminário*, livro 2, proferida em 26 de abril de 1955. Ao longo de todo aquele ano letivo, Lacan trabalhou com seus alunos o texto freudiano *Além do princípio do prazer*, para pensar o automatismo da repetição: há algo que opera no psiquismo e que está para além do princípio do prazer, para além dos motivos racionais e dos afetos acessíveis à consciência. Trata-se de um elemento radical, que comanda a experiência subjetiva, e que Freud nomeia como pulsão de morte.

Entretanto, enquanto o criador da psicanálise busca motivações na ordem biológica, ainda que para transcendê-la, Lacan, em sua releitura de Freud, desloca o para além do princípio do prazer para o campo da linguagem, ao afirmar que é a *insistência da cadeia significante* que engendra o *automatismo da repetição*. Nesse movimento, ele aproxima a pulsão de morte do caráter mortífero do significante, cuja ação não se orienta pela preservação da vida, mas por uma lógica própria de deslocamento, alheia a qualquer forma de bem ou de harmonia. Dito de outro modo, a insistência da cadeia significante instaura uma espécie de determinismo simbólico absoluto, que opera à revelia dos interesses do sujeito, podendo, inclusive, conduzi-lo à ruína.¹

Tal deslocamento operado por Lacan não significa, contudo, um questionamento ao texto freudiano; ao contrário, Lacan sustenta que a determinação do sujeito pelo significante é *uma verdade que brota do pensamento* de Freud:

¹ Para examinar essa questão, indicamos a seguinte aula: PEREIRA, Mário Eduardo Costa. *A questão da repetição no seminário da carta roubada*. [Vídeo]. Corpo Freudiano Seção Nova Friburgo, 24 abr. 2021.

Foi por isso que pensamos em ilustrar hoje a verdade que brota do pensamento freudiano que estamos estudando, ou seja, que é a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito, demonstrando-lhes numa história a determinação que o sujeito recebe do significante (LACAN, 1966/1998, p. 14).

A história referida no trecho destacado é, evidentemente, o conto de Poe. Nele, uma carta, que Lacan aproxima do puro significante, desloca-se de mão em mão e determina as posições subjetivas. Independentemente das intenções ou mesmo das características pessoais dos personagens, suas ações são determinadas pela posição que ocupam diante do significante, revelando uma primazia do significante sobre o sujeito.

Se o que Freud descobriu, e redescobre com um gume cada vez mais afiado, tem algum sentido, é que o deslocamento do significante determina os sujeitos em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter ou o sexo, e que por bem ou por mal seguirá o rumo do significante, como armas e bagagens, tudo aquilo que é da ordem do dado psicológico (LACAN, 1966/1998, p. 33-34).

A carta roubada é o símbolo a deslocar-se em estado puro e, por isso, não se pode tocá-la sem ficar imediatamente preso em seu jogo, regido por suas leis, a despeito de qualquer particularidade individual. O significante, portanto, designa a posição do sujeito no mundo simbólico e escreve para ele uma espécie de destino, destituindo-o da liberdade de decidir por si mesmo.

Lacan recorre, então, à hipótese freudiana extraída de *Psicopatologia da vida cotidiana*: não há acaso no que quer que façamos na intenção de fazê-lo ao acaso, pois, “enquanto o sujeito não está pensando nisso, os símbolos continuam acavando-se, copulando, proliferando, fecundando-se, trepando, rasgando-se”. (LACAN, 1954-

1955/2010, p. 250) Assim como ocorre com o sujeito, na leitura lacaniana de *A carta roubada*, o acaso também entra na determinação da cadeia significante e é capturado pelo determinismo que lhe é característico. O que está em jogo nessa concepção inicial da ordem simbólica é a categoria lógica da *necessidade*, que faz com que qualquer acontecimento *contingente*, fortuito, seja aprisionado em uma cadeia associativa necessária ao sujeito, de modo que absolutamente nada escape ao determinismo significante (GODOI; IANNINI, 2025).

É sob essa perspectiva que Lacan recorre à cibernética e “suas máquinas-de-pensar-como-homens” (LACAN, 1966/1998, p. 33-34) para descrever o funcionamento da ordem simbólica. “O mundo simbólico é o mundo da máquina”, afirma ele (LACAN, 1954-1955/2010, p. 70). Para ilustrar essa aproximação entre as máquinas de pensar cibernéticas e o sistema simbólico, tomaremos como exemplo a Máquina de Turing, idealizada nos anos 30, com o objetivo de simular o funcionamento de aspectos da mente humana. Ela é constituída de tal forma que, uma vez inserido um dado no sistema, diante de uma programação específica, as respostas são *necessárias*, configurando um sistema fechado, que não deixa abertura para o *contingente*. Esse determinismo total, presente na operação da máquina, serve a Lacan para descrever o funcionamento da ordem simbólica: ambas operam pelo agrupamento e pela codificação de símbolos de modo a recobrir todas as possibilidades e impedir ocorrências ao acaso (GODOI; IANNINI, 2025).

Tal concepção parece-nos convergir com a noção de ordem simbólica apresentada por Lacan nesse mesmo período, em diálogo com a antropologia estrutural de Lévi-Strauss.

É um reparo fundamental de Lévi-Strauss, e que mostra sua fecundidade neste livro. A partir disto, podemos formular a hipótese de que esta ordem simbólica, já que ela se coloca sempre como um todo, como se formasse por si só um universo - e inclusive constituísse o universo como tal, na medida em que é distinto do mundo -, deve, igualmente, ser estruturada como um todo, ou seja, ela forma uma estrutura dialética que se sustenta, que é completa (LACAN, 1954-1955/2010, p. 47).

Sob a perspectiva cibernética, a ordem simbólica constitui-se como um sistema fechado, sem abertura para o contingente e para a escolha; e, sob a perspectiva estruturalista, constitui-se como um todo, forma uma estrutura completa. Ou seja, nesse momento do ensino lacaniano, o sistema simbólico é concebido como determinístico e totalizante, o que não deixa saída para o sujeito, que se encontra radicalmente submetido, sem via de escape.

É nesse contexto que, em 25 de maio de 1955, cerca de um mês após proferir a lição do *Seminário 2* sobre *A carta roubada*, Lacan introduz em seu ensino o conceito de grande Outro. Suas reflexões haviam revelado que não é o sujeito humano que constitui a ordem simbólica, mas, ao contrário, ele é constituído por ela. Há, portanto, uma anterioridade do circuito simbólico em relação ao sujeito, que já nasce imerso nessa rede. Além de anterior, ele é também exterior ao sujeito, que o percebe como vindo de fora, de um outro lugar. Assim, essa exterioridade do simbólico faz com que a noção de alteridade em Lacan se desdobre e ele passe a distinguir explicitamente o outro – alteridade especular do registro imaginário, a partir da qual o *eu* se constitui – do Outro – alteridade pertencente ao campo simbólico, de onde advém o *sujeito do inconsciente*.

Lacan propõe a existência de um Outro simbólico, com quem o sujeito não é capaz de manter uma imagem de identidade, de reflexividade, mas tão somente uma relação

de alteridade fundamental (LACAN, 1954-1955/2010, p. 319). Para afastar a experiência analítica de seus efeitos eminentemente imaginários, ele defende que a análise consiste em fazer o sujeito “tomar consciência de suas relações não para com o eu do analista, mas para com todos estes Outros, que são seus verdadeiros fiadores, que respondem por ele” (LACAN, 1954-1955/2010, p. 334). Ou seja, sob a influência de uma noção de ordem simbólica totalizante e determinística, o grande Outro é apresentado nesse primeiro momento como uma instância asseguradora, que afiançaria o sujeito e responderia por ele.

É verdade que Lacan já havia, nesse mesmo *Seminário*, apontado o real como um limite à simbolização. Inclusive, sua interlocução com a ciência cibernética insere-se no contexto de elaboração da noção de real, uma vez que “as ciências exatas têm certamente a mais estreita relação com esta função do real” (LACAN, 1954-1955/2010, p. 400). Entretanto, em sua busca por afastar a psicanálise do imaginário, Lacan faz com que a ênfase recaia sobre o simbólico e o Outro surja dotado de certa consistência.

Ao longo dos anos seguintes, porém, essa concepção não se sustenta. Logo a totalidade dá lugar à incompletude e o aforisma *não há Outro do Outro* evidencia que nada garante essa instância de quem se esperam garantias. Mas é no *Seminário*, livro 16: *de um Outro ao outro*, quando já havia avançado na conceituação do real, que o Outro é apresentado como uma instância radicalmente inconsistente. Aprofundando sua ambição formalista inaugurada pela influência da cibernética, Lacan recorre à lógica matemática, para *demonstrar* que há uma falha irreparável na ordem simbólica e que, por isso, nenhum discurso, por mais seguro que pareça, pode ser completo e consistente ao mesmo tempo. E, assim, exclui-se definitivamente a possibilidade de um Outro que possa afiançar ou responder pelo sujeito.

Portanto, se a cibernética parece ter sido fundamental para o início do projeto lacaniano de formalizar a psicanálise e evitar que a radicalidade da experiência se perdesse em imaginarizações e psicologizações, logo se mostrou limitada para pensar o sujeito do inconsciente para além de uma determinação simbólica absoluta. Tornaram-se necessários outros modelos de formalização, que passaram pela lógica, pela topologia, pelos matemas, grafos e nós, para que Lacan abordasse a complexidade da experiência humana, que não pode ser reduzida ao sistema fechado de uma máquina. Há um furo no sistema, que atravessa o sujeito e o Outro, e faz com que algo sempre escape, sempre deixe restos; é justamente nesse ponto que a psicanálise deve operar.

Referências

FREUD, Sigmund. [1927]. Carta a Werner Achelis, 30 de janeiro de 1927. In: FREUD, Ernst (org.).

Correspondência de amor e outras cartas (1873–1939). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

GODOI, Bernardo Sollar; IANNINI, Gilson. A mecânica da compulsão à repetição: Lacan, cibernética e ordem simbólica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 28, e240539, 2025.

GONDAR, Jô. *Os tempos da psicanálise: Freud, Ferenczi, Winnicott e Lacan*. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2025.

ISMERIM, Augusto; DUNKER, Christian Ingo Lenz. A psicanálise e as máquinas: influências da cibernética na formação da epistemologia e da teoria da linguagem de Lacan. *Revista Intuitio*, Chapecó, v. 16, n. 2, p. 1–22, jan./dez. 2023.

JORGE, Marco Antonio Coutinho *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan*, v. 1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, Jacques. [1954-1955]. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. [1966]. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

WIENER, Norbert. *Cibernética ou controle e comunicação no animal e na máquina*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

ALINE BITTENCOURT é analista em formação do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro e psicóloga.

E-mail: bittencourtsaline@gmail.com

LIGIA JULIANELLI é analista em formação do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro. Graduada em Direito e mestre em Psicanálise (UERJ).

E-mail: ligiajulianelli@gmail.com

XIII RODA DE CARTÉIS

ENCONTRO PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS INDIVIDUAIS



4 julho 2026

Exclusivo para associados de todas as seções e núcleos

Horário: 9h.

Híbrido . zoom 834 0934 9566 senha 1234

Presencial: sede da Escola

SECRETARIA DE CARTÉIS RIO: SONIA LEITE, JULIANA LEAL E MARCIA XAVIER

